

Educação para a Paz no Soweto (Parte 1): Esperança e Mudança

por Jake Frankel, 18 nov, 2016



Jake Frankel (ao centro, na fila de baixo), Editor Executivo da Fundação Prem Rawat, foi recentemente à África do Sul e enviou o seguinte relatório sobre o impacto do Programa de Educação para a Paz (PEP) no Soweto.

“Antes do Programa de Educação para a Paz, eu era uma pessoa agressiva. A raiva era minha amiga,” disse-me a Linda. “Este programa teve o condão de me mudar por dentro, transformando essa raiva em amor. Agora posso escolher estar feliz em vez de zangada.”



Linda

Estou a falar com a Linda no Centro de Apoio à Juventude de Sebokeng, na periferia do Soweto, um conjunto de municípios historicamente negros na região metropolitana de Joanesburgo, na África do Sul. Terra de líderes dos direitos civis como o ex-Presidente Nelson Mandela e o Arcebispo Desmond Tutu, a comunidade do Soweto desempenhou um papel fulcral na bem-sucedida luta contra o *apartheid*.

Apesar da herança destrutiva da segregação permanecer aqui sob a forma de elevadas taxas de desemprego e pobreza, sinto um inegável ambiente de otimismo entre as pessoas que encontro. É a minha primeira visita à África do Sul, o meu primeiro dia no Soweto. E sinto-me muito afortunado por estar a trabalhar para a Fundação Prem Rawat (TPRF), a tentar documentar o impacto do PEP junto das pessoas daqui.

Todas as semanas, têm lugar no Soweto entre 10 a 20 sessões do PEP numa grande variedade de locais, desde escolas secundárias e centros de formação a consultórios médicos e centros de dia. Muitas delas são organizadas a partir do escritório de Ernest Leketi, diretor do Departamento de Desenvolvimento da Juventude que pertence ao Departamento de Desenvolvimento Social de Joanesburgo.



Lebo e Sibongile na sede do PEP



Horário semanal do PEP



Thobi na sede do PEP

Ernest partilha o seu pequeno escritório com um núcleo de jovens voluntários que trabalham arduamente para fazer evoluir o programa. Eles provêm de diferentes origens – alguns são ex drogados e estiveram envolvidos em gangues – e contaram-me como o PEP os ajudou a dar a volta às suas vidas. Outros lidam com responsabilidades de outros trabalhos e de criar os filhos, mas ainda assim conseguem arranjar bastante tempo todas as semanas para facilitar sessões do PEP. Cada um deles, à sua maneira, foi profundamente tocado pelo programa e quer ajudar a possibilitar experiências positivas semelhantes a tantas pessoas quanto possível. Auto-intitulam-se a “Super Equipa” e é evidente que estão a fazer um trabalho notável.

Depois de participarem numa das sessões do PEP no Centro de Apoio à Juventude de Sebokeng, vários participantes juntam-se à Linda na partilha entusiástica de histórias sobre como o programa está a ter para eles um impacto profundo.

“Tocou-me profundamente cá dentro. A paz que estava escondida dentro de mim desabrochou. Encontrei-a. Agora sei quem sou,” diz Mduduzi, um jovem que acabou de facilitar a sessão. Ele adora apresentar o programa, porque “ajuda os mais novos a serem melhores pessoas,” diz ele.



Mduduzi



Dimpho

As sessões do PEP apresentam vídeos do fundador da TPRF, Prem Rawat, a falar sobre tópicos como a paz, a apreciação, a força interior e o contentamento. Em dezembro, Prem irá a Sebokeng para falar pessoalmente aos participantes do PEP e Mduduzi diz ser uma honra fazer parte da equipa que está a coordenar o evento ao vivo.



Dimpho, uma jovem que ouviu falar do PEP pela primeira vez quando frequentava cursos de formação informática no Centro Sebokeng, está entusiasmada por ser a mestra de cerimónias no evento com Prem Rawat.

Considera surpreendente estar nessa função porque, antes de participar no PEP, “não se sentia à vontade a falar para pessoas”. Para mim, até é difícil imaginá-la como uma pessoa tímida, porque agora ela sente-se incrivelmente à vontade a partilhar histórias pessoais com o nosso grupo de voluntários e perante as nossas câmaras.

Fala sobre quão difícil era a sua situação em casa, de como ficava aterrorizada por ser julgada e de como costumava estar “zangada com o mundo.” A sua depressão era tão forte que chegou a pensar no suicídio. E relata como o PEP a inspirou a ser mais confiante e a ter uma perspetiva mais positiva.



Malu

Acabamos o dia a ouvir Malu, um jovem que costumava ser atormentado pelo rancor. “Se me fizessem mal, eu juraria sobre a sepultura do meu avô que um dia me vingaria,” recorda. Mas agora, diz, o PEP ajudou-o a “iniciar um novo capítulo. Comecei a perdoar e a aceitar o passado tal como é. Não posso mudar o que aconteceu no passado, mas posso viver no presente e tornar o futuro melhor.”

Não penso que seja o único hoje na sala impressionado com estas notáveis histórias de transformação e expressões de sabedoria, em que as entrevistas são marcadas por uma sala cheia de pessoas com sorrisos rasgados, a baterem palmas, a estalarem os dedos e em lágrimas.